



PPPGI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA,
PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2229.v26n4p235-250>

FAZENDO GÊNERO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: notas epistemológicas a partir do estado de conhecimento sobre educação profissional e gênero na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (2008-2019)

DOING GENDER IN PROFESSIONAL EDUCATION: epistemological notes from the state of knowledge on professional education and gender in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (2008-2019)

HACIENDO GÉNERO EN LA EDUCACIÓN PROFESIONAL: notas epistemológicas a partir del estado del conocimiento sobre educación profesional y género en la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (2008-2019)

Larissa Maia de Souza¹
Avelino Aldo de Lima Neto²

RESUMO

O presente artigo objetiva esboçar algumas considerações epistemológicas acerca das questões de gênero no contexto da produção científica da Educação Profissional. Para tanto, inicialmente, serão feitas algumas provocações ao campo epistêmico em questão a partir de contribuições das teóricas feministas. Em seguida, será mapeada e descrita a quantidade dos trabalhos de pós-graduação disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações cujos objetos tangenciam o assunto, no período de 2008 a 2019. Posteriormente, será explicitado o recurso ao estado do conhecimento como procedimento metodológico para coleta de dados, seguindo-se a apresentação dos resultados. Estes revelaram a existência de apenas treze manuscritos centrados sobre a temática, indicando a escassez de estudos. Face a essa constatação, serão tecidas algumas apreciações finais com vistas a proporcionar à Educação Profissional ferramentas capazes de contribuir para a expansão epistemológica da área e para a continuidade da efetivação de sua proposta político-pedagógica de formação humana integral.

Palavras-chaves: Gênero. Educação Profissional. Epistemologia. Estado do conhecimento. Feminismo.

ABSTRACT

This article aims to outline some epistemological considerations about gender issues in the context of the scientific production of Professional Education. To this end, initially, some provocations will be made to the epistemic field in question based on contributions from feminist theorists. Next, it will be mapped and described the amount of master's and doctoral degree works available in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations whose objects tangenciate the subject, in the period from 2008 to 2019. Subsequently, the use of the state of knowledge as a methodological procedure for data collection will be explained, followed by the presentation of the results. These revealed the existence of only thirteen manuscripts centered on the theme, indicating the scarcity of studies. In view of this finding, some final considerations will be made in order to provide Professional Education with tools capable of contributing to the epistemological expansion of the area and to the continuity of the effectiveness of its political-pedagogical proposal of integral human formation.

Keywords Gender. Professional Education. Epistemology. State of knowledge. Feminism.

RESUMEN

Este artículo tiene por objetivo esbozar algunas consideraciones epistemológicas sobre las cuestiones de género en el contexto de la producción científica de la Educación Profesional. Para eso, inicialmente, se

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal/RN, Brasil. ORCID: 0000-0002-5311-1893. E-mail: larissamaiadesouza@bol.com.br.

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal/RN, Brasil. ORCID: 0000-0003-4810-8742. E-mail: ave.neto@hotmail.com.

harán algunas provocaciones al campo epistémico en cuestión a partir de las aportaciones de las teóricas feministas. Seguidamente, se mapeará y describirá la cantidad de trabajos de maestría y doctorado disponibles en la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones cuyos objetos tangencializan el tema, en el período de 2008 a 2019. Posteriormente, se explicará el uso del estado del conocimiento como procedimiento metodológico para la recogida de datos, seguido de la presentación de los resultados. Estos revelaron la existencia de sólo trece manuscritos centrados en el tema, lo que indica la escasez de estudios. En vista de este diagnóstico, se harán algunas consideraciones finales para dotar a la Educación Profesional de herramientas capaces de contribuir a la expansión epistemológica del área y a la continuidad de la efectividad de su propuesta político-pedagógica de formación humana integral.

Palavras claves: Género. Educación Profesional. Epistemología. Estado del conocimiento. Feminismo.

Considerações iniciais

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é uma modalidade educativa cuja visibilidade tem sido crescente nos últimos anos, sobretudo a partir da Lei n.º 11.892/2008 – que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT) –, embora esteja presente no país desde as Escolas de Aprendizizes e Artífices, fundadas pelo governo federal no início do século XX. A partir da década de noventa, com a proposição e implementação de um amplo conjunto de reformas educacionais, influenciadas pela lógica neoliberal, os debates em torno da modalidade em xeque têm sido ampliados, mormente através de pesquisas no campo educacional.

A EPT tem interessado a amplos setores da sociedade, essencialmente pelo efeito do estabelecimento de diversas políticas públicas e programas governamentais relacionados à temática (CARVALHO; LACERDA, 2010). Numa perspectiva dos embates sociais, essa modalidade também adquire relevância por materializar, e em sua proposta pedagógica, uma estratégia de emancipação individual e coletiva dos sujeitos, com as implicações daí provenientes para a manutenção das formas dominantes de governabilidade, as quais se veem ameaçadas ao notar os frutos da formação integral dos sujeitos promovida em instituições como os Institutos Federais (IFs).

Nessa direção, a nova institucionalidade e a expansão da RFEPCT, a partir do ano de 2008, não somente deu início à multiplicação estrondosa dos edifícios e dos números das ofertas e matrículas, mas perturbou, igualmente, a produção científica no campo da Educação Profissional. O panorama provocou, inclusive, o crescimento da produção científica, como aponta Medeiros Neta (2016) em seu estudo sobre a configuração da área a partir de publicações no Portal de Periódicos da CAPES, no período de 1996 a 2014. O estado do conhecimento elaborado por ela indica a existência de 93 artigos publicados de 1996 a 2007, enquanto de 2008 a 2014 tem-se 154 produções, o que indica um salto significativo se considerarmos que o primeiro recorte temporal compreende 11 anos, e o segundo apenas 6 anos.

Por outro lado, o cenário recente da Rede também suscitou novos questionamentos de natureza epistemológica em seu interior. Isto porque, de um lado, modificações na ordem legal trazem efeitos para a organização política, didática e pedagógica, exigindo um reordenamento da dinâmica institucional e dos saberes que os sustentam; do outro, a crescente visibilidade de movimentos feministas e LGBTQ+ nos últimos anos, respaldados por conquistas jurídicas, tem feito eclodir, no interior da EPT, novas situações (LIMA NETO; CAVALCANTI; GLEYSE, 2018), exigindo outros parâmetros na produção do conhecimento. Dentre elas, uma nos interessa de modo singular: o fato de os estudantes experimentarem o trabalho ainda no ambiente escolar, fazendo emergir, com isso, um conflito em curso no tecido social desde a constatação da alienação do sujeito pelo trabalho no século XIX (MARX, 2010). Referimo-nos à divisão sexual do trabalho.

A organização de tarefas com base nos sexos se delineia desde o surgimento do capitalismo, uma vez que as novas relações laborais e o antagonismo de classes foram, a partir de então, marcados pela divisão sexual do trabalho enquanto relação de poder capaz de ocultar e mascarar as desigualdades (FEDERICI, 2017, p. 232).

Esse pressuposto histórico intui-se mais ou menos timidamente na apresentação dos cursos ofertados a ambos os sexos desde as primeiras iniciativas federais e estaduais de profissionalização no Brasil, como podemos inferir dos estudos de Lucas, Silva e Medeiros Neta (2018), Reis e Martinez (2012) e Rocha (2016) sobre as escolas profissionais nas primeiras décadas do século XX e das ofertas formativas exclusivas para as mulheres.

Face a esse cenário, e a fim de revelar outros ângulos do fenômeno, o presente artigo esboçar algumas considerações epistemológicas acerca das questões de gênero no contexto da produção científica da Educação Profissional. Para isso, mapearemos a produção científica na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) acerca do gênero na Educação Profissional, compreendendo o recorte temporal de 2008³ a 2019. Esse esforço introdutório materializa parte de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (PPGEP/IFRN)⁴ e situa-se no interior de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado *Corpo, gênero e sexualidade na Educação Profissional: cenários epistemológicos e subjetivos*, financiado pelo edital universal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico⁵.

A empreitada a que nos propomos nessa ocasião mostra-se pertinente devido à necessidade de compreender de que modo o conhecimento científico produzido nesse campo e sobre ele próprio tem levado em conta as dinâmicas indissociáveis entre trabalho, educação e gênero. Essa relevância torna-se ainda mais premente ao salientarmos a constatação de uma lacuna epistemológica na EPT, qual seja, a escassa quantidade de estudos sobre corpo, gênero e sexualidade nessa modalidade educativa, conforme apontou estado do conhecimento realizado por Lima Neto, Cavalcanti e Gleyse (2018), o qual nos propomos, na presente ocasião, a refinar.

Isto posto, inicialmente, faremos algumas provocações ao campo epistêmico em questão a partir de contribuições das teóricas feministas. Em seguida, indicamos os procedimentos metodológicos adotados para a realização do estado do conhecimento, os quais se organizaram a partir desta interrogação: quais as palavras-chaves, áreas de pesquisa e espaços de investigação utilizados nas teses e dissertações encontradas na BDTD/IBICT entre 2008 e 2019? Após a apresentação dos dados encontrados, tecemos algumas considerações finais, com vistas a proporcionar à Educação Profissional outras ferramentas epistêmicas capazes de contribuir para a construção de um objeto de estudo – postura que resumimos na expressão *fazer gênero*, retomando, com isso, o aspecto performativo da generificação –, e, assim, intensificar a expansão da área e a continuidade da efetivação de sua proposta político-pedagógica de formação humana integral.

A epistemologia da Educação Profissional sob as provocações do feminismo

Se considerarmos a epistemologia enquanto “estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais”, como propõe Japiassu (1977, p. 16), nesta ocasião nós começamos a nos circunscrever ao que este mesmo autor chamou de “epistemologia específica”. Para além de uma “epistemologia global”, interessada no “saber globalmente considerado”, e da “epistemologia particular”, próxima de campos mais restritos, sejam eles “especulativos” (filosofia, teologia) ou “científicos” (matemáticas, ciências empíricas), a “epistemologia específica” detém-se sobre “uma disciplina intelectualmente constituída em unidade bem definida do saber, e de estudá-la de modo próximo, detalhado e técnico, mostrando sua organização, seu funcionamento

³ Consideramos esse recorte em virtude de, em 2008, pela Lei n. 11.892, ter sido instituída a RFEPECT.

⁴ Este manuscrito também é resultado de um processo avaliativo do componente curricular “Ciência e produção do conhecimento” do curso de mestrado em Educação Profissional do PPGEP/IFRN. Agradecemos à professora Lenina Lopes, docente da disciplina, pela leitura crítica e sugestões.

⁵ Processo 433601/2018-3.

e as possíveis relações que ela mantém com as demais disciplinas” (JAPIASSU, 1977, p. 16-18). Em nosso caso, vislumbramos uma epistemologia da Educação e de um campo ainda mais restrito em seu interior: o da Educação Profissional.

Interessados no conhecimento enquanto processo e transformação constante, assumimos como tarefa epistemológica “conhecer este *devoir*” (JAPIASSU, 1977, p. 27) (grifo do autor), tarefa esta tão familiar à dialética, que ao reconstituir as “trocias intermináveis entre o sujeito e objeto”, torna-se “saber sobre o mundo em *devoir*” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 33-34) (grifo nosso). Assinalar a natureza inacabada do conhecimento, por outro lado, situa-nos na indissociabilidade entre epistemologia e história, sendo-nos possível afirmar que “a *historicidade* é essencial ao objeto da ciência” (JAPIASSU, 1977, p. 31) (grifo do autor), postura epistemológica igualmente assumida pelo materialismo histórico-dialético.

Face a esses prolegômenos epistemológicos, entende-se tanto a originalidade da intuição marxiana quanto os seus limites – o que, de um lado, atesta a necessidade da dialética e, de outro, nos faz tomar a cautela de não sermos conceitualmente anacrônicos quando trazemos à baila as discussões em torno do gênero. Cada singularidade histórica apresenta suas determinações, e o capitalismo em sua fase global, sob o influxo neoliberal, apresenta meandros que, paradoxalmente, Marx não havia imaginado, mas a releitura da dialética hegeliana por ele proposta facultou-nos enfrentá-los.

Nessa direção, concordamos com Ciavatta (2016) no que concerne à compreensão da produção do conhecimento na EPT. É preciso desvelar a contradição entre capital e trabalho, mas isso não basta. Cabe-nos também “se ocupar das diversas manifestações da vida humana: o sentido do trabalho, as diversas formas de sociabilidade, os múltiplos aspectos que concorrem para manifestar a historicidade da vida” (CIAVATTA, 2016, p. 34). Essa atitude já estava presente, como assinalamos, em Marx e Engels. A nós cabe o esforço de incorporar a atitude e associar o gênero à análise das manifestações da vida humana nas contradições entre capital e trabalho.

As desigualdades entre homens e mulheres, retroalimentadas pela dominação simbólica masculina em seu poder de naturalizar o arbitrário (BOURDIEU, 2002), podem ser reforçadas através de estereótipos e preconceitos, tais como a divisão de tarefas entre meninos e meninas, a expectativa de comportamentos diferenciados com base numa suposta natureza biológica masculina ou feminina e, inclusive, opções distintas no que se refere ao ingresso em cursos profissionalizantes, em suas variadas modalidades de oferta (DEPOILLY, 2014; EPIPHANE, 2016; GLEYSE, 2018; THOMAS, 2018; STANCKI, 2000). Essas realidades, entretanto, camuflam o caráter performativo e fabricado do gênero enquanto componente identitário dos sujeitos: ele é feito, como o é toda realidade humana (BUTLER, 2012; DESOUSA FILHO, 2017).

Nesse panorama, a segmentação do mercado de trabalho enuncia disparidades nas relações de gênero e feminiza certos ofícios. Estes, não raro, são assinalados pela precariedade das condições laborais e pelo crescente desprestígio social (CAETANO, 2009). É o caso das profissões nas quais as práticas de cuidado (*care*) são determinantes, como a docência (NASCIMENTO, 2018; NASCIMENTO; DE MORAIS, 2018) e a enfermagem (PEREIRA; RAMOS, 2006). Em todas elas, há uma dimensão corporal – e, mais especificamente, sensorial – que o marxismo tradicional “não havia sido capaz de historicizar”, afirma Haraway (2004, p. 229) ao comentar as implicações epistemológicas que Hartsock hauriu do materialismo histórico-dialético. Esse contexto empurra o gênero para o sexo biológico e reduz as práticas sociais – como o cuidado – a “papéis sociais” sexuados, os quais remetem ao destino natural da espécie (KERGOAT, 2009).

É evidente, por conseguinte, que a realidade político-pedagógica da EPT está eminentemente associada à ordem do gênero, determinada histórica e socialmente, uma vez que em seu interior se reflete a divisão sexual do trabalho, assegurando a dominação

masculina⁶. Assim, assumimos que a suposta “aptidão” a certas profissões atravessa a fabricação das masculinidades e das feminilidades nas sociedades, componentes identitários que não resultam da existência biológica de dois sexos, mas de produções contingentes estilizadas no corpo e naturalizadas por diversos aparelhos sociais em seus artifícios ideológicos (DESOUSA FILHO, 2017). Diagnosticar essas fabricações, nas quais os indivíduos são transformados, através das relações sociohistóricas e culturais, em homens e mulheres é parte da tarefa da crítica social e ontológica desde Marx (BUTLER, 2010, p. 59; SAFFIOTI, 2004).

É impossível, na presente ocasião, explorarmos com profundidade a apropriação conceitual que o feminismo francês fez da obra marxiana e do marxismo em geral. De qualquer maneira, faz-se mister lembrar que a noção de *divisão sexual do trabalho* é componente central da teoria materialista do feminismo marxista na França. Nós entendemos essa expressão, no esteio de Kergoat, enquanto “forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo”, sendo “historicamente adaptada a cada sociedade”. Mas no interior de um sistema que, aparentemente, leva em conta apenas uma certa destinação a determinadas tarefas, isto é, uma dada “separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres)” (KERGOAT, 2009, p. 67), emerge um caráter estrutural e estruturante: o simbólico, componente intrínseco à qualquer construção social da realidade (DESOUSA FILHO, 2017). No interior das práticas de simbolização, localizamos, especificamente, àquelas voltadas à “hierarquização (um trabalho de homem ‘vale’ mais do que um de mulher)”, o que confinará as mulheres ao âmbito da reprodução, preservando o da produção aos homens, que se ocuparão de “funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares)” (KERGOAT, 2009, p. 67).

Assim, é sobre o trabalho enquanto categoria fulcral que as teóricas feministas marxistas se detiveram, perturbando-o epistemologicamente. Essa nova frente deve-se ao fato de elas terem começado a migrar da análise tradicional, focada no antagonismo entre capital e trabalho, à consideração do trabalho doméstico, de modo similar ao olhar lançado pelas correntes marxistas ortodoxas sobre o trabalho profissional. Porém, não se tratava apenas de identificar quem desempenhava qual tipo de função, levando em conta a localização histórico-geográfica e interrelações das variadas divisões do trabalho, bem como as hierarquias construídas nesse contexto (KERGOAT, 2009, p. 69-70). Foram iniciados, concomitantemente, estudos sobre as relações sociais de sexo, e chegou-se à conclusão de que estas últimas, somadas à divisão sexual do trabalho, tornam-se “expressões indissociáveis que, epistemologicamente, formam um sistema; a divisão sexual do trabalho tem o status de *enjeu*⁷ das relações sociais de sexo” (KERGOAT, 2009, p. 71).

É em torno desses *enjeux*, dessas disputas epistêmicas com suas devidas consequências políticas, que nos concentramos nessa ocasião. Tais pressupostos conceituais são de extrema pertinência para nossa discussão, uma vez que o campo da Educação Profissional, no Brasil e em outros países, fundamenta-se fortemente numa perspectiva teórica marxiana. Nesse sentido, é preciso reiterar, por cautela teórica e para não incorrer em anacronismo, que o conceito de gênero não se encontra, evidentemente, em Marx e Engels – malgrado as suas obras tenham oferecido, desde o início, instrumentos teórico-metodológicos capazes de dilatar, posteriormente, as análises feministas.

O estudo de Engels em *A Origem da família, da propriedade privada e do estado* (1884) é o exemplo clássico dessa contribuição, como também a concepção de história aventada por ele e por Marx em *A Ideologia Alemã* (1867). Nessa obra, a história já aparece atrelada à necessidade de renovação da vida humana por meio da procriação e, portanto, da família e das relações existentes em seu interior, como aquelas entre

⁶ Incluiríamos aqui, também, a dominação heterossexista. Por questões teóricas e metodológicas, não abordaremos tal discussão no presente manuscrito.

⁷ No texto, a tradutora manteve a palavra francesa *enjeu*, cujo significado ela esclarece em nota de rodapé: “o que está em jogo, em disputa, o desafio” (KERGOAT, 2009, p. 71).

homem e mulher. Para Scott (1995, p. 80), porém, “no interior do marxismo, o conceito de gênero foi por muito tempo tratado como subproduto de estruturas econômicas mutantes: o gênero não tem tido o seu próprio estatuto de análise”, pois a historicização operada por Marx e Engels não alcança, com a mesma intensidade, as dinâmicas específicas da realidade da mulher.

Côncios de tais tensões, compreendemos que nosso esforço teórico, inicialmente, é o de articular as contribuições das teóricas feministas, sobretudo as de inspiração marxiana, à produção do conhecimento em Educação Profissional no Brasil, com vista a empreender a mesma perturbação epistemológica que as primeiras feministas causaram às categorias centrais do marxismo. Para tanto, valemo-nos dos esclarecimentos realizados por Ramos (2013, p. 30) acerca da Educação Profissional enquanto campo do conhecimento que se alicerça, teórica e metodologicamente, no materialismo histórico-dialético:

Vista sob o prisma do modo de produção da existência, [a educação profissional] implica um fenômeno em que estão em relação histórica, tensa e contraditória: distintas necessidades dos sujeitos e das classes sociais; o trabalho se realizando como produtor de valor de uso e valor de troca, como criação humana e como alienação, como potencial humano e como mercadoria; a ciência como força produtiva e como força destrutiva; a tecnologia como meio de libertação o de opressão humana, como geradora de tempo livre ou de miséria, dentre outras.

Na obra marxiana, as peculiaridades dos sujeitos não estão desvinculadas, do ponto de vista epistêmico, de um projeto mais amplo que abarca as dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia no interior da sociedade capitalista. Essas premissas fundantes são ratificadas poucas linhas depois, de modo bastante didático, quando a autora esboça algumas questões que podem ser assumidas pelas pesquisas em Educação Profissional. Dentre suas interrogações, sublinhamos a seguinte: “Que afirmações e superações são possíveis e necessárias para fazer das instituições públicas centros de produção de conhecimento, formação humana e de qualificação profissional comprometida com um projeto de país soberano e de classe trabalhadora emancipada?” (RAMOS, 2013, p. 31). Aglutinam-se, nesta proposição, de maneira concisa e direta, as dimensões nevrálgicas da Educação Profissional considerada enquanto domínio epistemológico, uma vez que temos nessa provocação uma vinculação entre “trabalho, ciência, tecnologia e cultura como categorias indissociáveis da formação humana”, conforme indica o Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio (MOURA; GARCIA; RAMOS, 2007).

O compromisso com a emancipação humana, individual e coletiva, não pode ser dissociado daquilo que atinge todas as dimensões materiais da existência, nela incluso os usos sociais do corpo, inteiramente atravessado pelo pertencimento de classe (BOLTANSKI, 2004), e as interações simbólicas nas quais ele está imerso, como aquelas operadas na feitura do gênero. Nesse sentido, articulando-nos mais fortemente aos pressupostos epistêmicos da Educação Profissional acima mencionados, que se ancoram, por sua vez, na concepção antropológica marxiana, ainda é preciso dizer que, já em Marx (2010), o corpo apresenta importância central na compreensão das dinâmicas do trabalho. A noção de onilateralidade por ele apresentada desde os *Manuscritos* – verdadeiro tratado de antropologia filosófica no qual a sensorialidade própria do humano é esmiuçada em seus vínculos com a alienação pelo trabalho –, é a base para a compreensão da “formação humana integral”, operador teórico fundamental da proposta pedagógica da Educação Profissional, conforme indicam os documentos oficiais (BRASIL, 2012, p. 02; MOURA; GARCIA; RAMOS, 2007).

Ressaltamos, por fim, que a ênfase na dimensão corporal da divisão sexual do trabalho apontada anteriormente pela leitura de Hartssock feita por Haraway é reforçada por Chanter (2011) ao revelar a virada epistemológica que as feministas operam ao recuperar a relevância do corpo para a análise do real. Fecundar epistemologicamente

a Educação Profissional com as provocações de uma epistemologia feminista exige trazer à tona, indubitavelmente, o aspecto eminentemente corporal do trabalho feminino, e isso passará pelo retorno ao conceito de onilateralidade em Marx e Engels, em suas implicações para a divisão sexual do trabalho – escopo que pretendemos atingir no trabalho dissertativo do qual este artigo é um recorte. Essa tarefa é uma dentre tantas etapas da superação necessária para a emancipação da classe trabalhadora – preocupação anteriormente indicada por Ramos na questão posta à produção científica da área em questão.

Esclarecimentos metodológicos

A fim de mapearmos a produção científica sobre gênero na Educação Profissional, recorreremos ao estado do conhecimento enquanto estratégia de coleta de dados. Evidentemente, para tanto, partimos do pressuposto da existência prévia de publicações sobre a temática. Realizamos nossa investigação, desse modo, inspirando-nos na pesquisa bibliográfica, a partir do registro disponível em documentos impressos, como livros, artigos e teses (SEVERINO, 2016). Identificamos, registramos e categorizamos tais achados, pois eles nos levam à reflexão e síntese sobre a produção de uma determinada área, em um espaço de tempo específico, congregando periódicos, teses, dissertações, livros e delimitando-se a uma temática específica. (MOROSINI; FERNANDES, 2014).

O estado do conhecimento foi organizado em seis etapas. Na primeira, consideramos a escolha da fonte, a saber, a BDTD/IBICT⁸, considerando um recorte temporal de 2008 a 2019, levando em conta o ano de instituição da RFEPCT até os dias atuais. Esse portal integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nos programas de pós-graduação das instituições de ensino e pesquisa do Brasil. Nele, estão disponibilizados tanto os resumos dos trabalhos quanto os textos integrais.

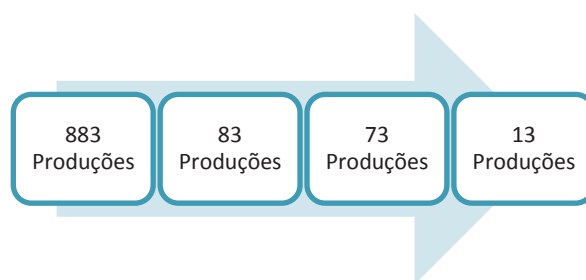
A segunda etapa foi a escolha dos descritores, isto é, os termos eleitos para a busca. Foram eles: “Educação Profissional” e “gênero”, inseridos no campo de “pesquisa avançada”, empregados juntos e com a utilização de aspas. Posteriormente, num terceiro momento, fez-se a seleção pelos resumos. Aqueles que apresentaram os descritores foram selecionados, sendo excluídos todos os outros nos quais não se notavam os dois descritores simultaneamente, bem como os que fizessem referência a gênero no sentido de “gênero profissional” e “gênero textual”.

O quarto passo se deu com a recuperação das teses e dissertações. A partir dos resumos lidos, foram resgatados no próprio repositório os manuscritos correspondentes ao nosso interesse. Em seguida, realizou-se a coleta de dados: nesse momento, extraímos o nome, ano da defesa, palavras-chaves, área do programa de pós-graduação, lócus empírico da investigação e tipo de trabalho. Por fim, realizou-se a análise, fase materializada na observação dos dados e na interpretação e imputação de sentidos às informações encontradas.

Ao inserir os descritores *Educação Profissional* e *gênero*, sem o uso de aspas, no campo “pesquisa avançada” foram encontrados 883 trabalhos. Em seguida, colocamos as aspas nos descritores a fim de refinar a busca. Dessa forma, revelaram-se 83 produções. Posteriormente, definiu-se o ano de publicações de 2008 até 2019 e acrescentamos o operador booleano *and*, a fim de obter a associação dos descritores, o que nos levou a um total de 73 estudos. Destes, lemos todos os títulos e resumos, de modo que os trabalhos repetidos foram eliminados, bem como todos os que não apresentaram os dois descritores ao mesmo tempo e os que fizessem referência a gênero no sentido de “gênero profissional” e “gênero textual”.

⁸ O acesso se realiza pelo portal: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>

Figura 1 - Número de produções selecionadas



Fonte: Elaborado pelos autores.

No fim, restaram 13 produções, das quais nove são dissertações e quatro são teses, como observa-se, acima, na Figura 1. Para um melhor processo de mapeamento da produção, estas foram catalogadas em uma planilha com título, autor, ano de publicação, palavras-chaves, área do programa de pós-graduação e lócus da pesquisa, consoante explicitaremos a seguir.

Educação Profissional e gênero na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações: um mapeamento

A fim de melhor sumarizar as informações a serem recolhidas nesse estado do conhecimento, construímos um quadro considerando informações sobre o título do trabalho, tipo de produção, nome do autor, área do programa de pós-graduação e o lócus de investigação, como se pode observar a seguir.

Quadro 1 - Teses e Dissertações encontradas na BDTD/IBICT

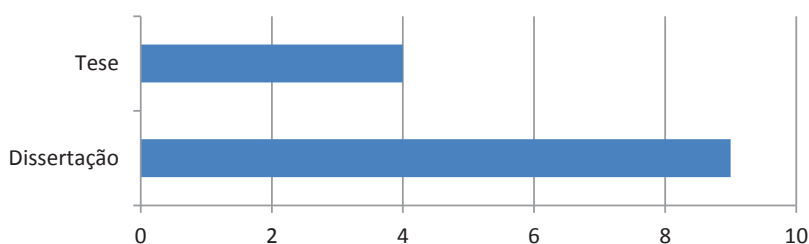
Título	Tipo	Autor	Área	Lócus
A situação das mulheres na educação profissional de nível médio: uma análise dos dados do censo escolar 2001 a 2006	Dissertação	BONFIM (2009)	Educação/ UFMG	Censo Escolar da Educação Profissional
Relações de gênero, subjetividade e construção/constituição de identidades: um caso na educação profissional e tecnológica.	Dissertação	CARRIAS (2011)	Educação /UNB	Instituto Federal de Educação ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)/ Campus Tucuruí
A experiência escolar de mulheres na educação profissional integrada à EJA: relações de saber em sala de aula	Tese	GODINHO (2012)	Educação/ UNISINOS	PROEJA
Gênero, educação profissional e subjetivação.	Tese	SANTOS (2013)	Educação UFS	Instituto Federal de Sergipe (IFS)
Abordagem de gênero sobre a experiência de alunos integrantes do ProJovem Urbano na cidade de Aracaju – Sergipe	Dissertação	SOUZA (2013)	Educação UFS	ProJovem Urbano realizado na cidade de Aracaju
Pensar direitos humanos na perspectiva de gênero: limites e possibilidades na educação profissional em Goiás	Dissertação	OLIVEIRA (2014)	Direitos Humanos/ GO	Instituições de Educação Profissional que ofertam o curso técnico em enfermagem
Educação profissional e relações de gênero: razões de escolha e a discriminação	Dissertação	ALMEIDA (2015)	Educação/ USP	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFSP)
A Educação Profissional e a Política Pública Mulheres Mil: a implementação no âmbito do IFMA em São Luís	Dissertação	SILVA (2015)	Políticas públicas UFMA	Instituto Federal de Educação ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA)
Programa Mulheres Mil no Instituto Federal De Goiás (2011-2013): A Inserção das mulheres no mundo do trabalho sob o olhar de gestoras (Es) e professoras(Es).	Dissertação	LOPES (2015)	Educação PUC/ Goiás	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG)

A política de formação profissional no Programa Mulheres Mil: uma análise da experiência desenvolvida no Instituto Federal do Paraná	Dissertação	MANTOVANI (2015)	Educação Universidade do oeste paulista (UNOESTE)	Instituto Federal do Paraná, Câmpus Umuarama
Políticas Públicas De Assistência Estudantil no Instituto Federal Goiano - Câmpus Urutaí: Um Olhar De Gênero.	Tese	TEIXEIRA (2016)	Educação PUC Goiás	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Câmpus Urutaí
Inserção de mulheres: um estudo sobre a presença feminina em escolas de educação profissional no Brasil (Belo Horizonte) e em Portugal (Lisboa)	Tese	CARDOSO (2016)	Ciências Sociais PUC/SP	Escola Técnica Federal de Minas Gerais, (atual CEFET-MG); Escolas técnicas de Portugal
Relações de gênero em um Centro Estadual de Educação profissional: o mesmo espaço, lugares de estranhamento.	Dissertação	BELANI (2019)	Educação/ UFFS	Centro Estadual de Educação Profissional sudoeste do Paraná

Fonte: Elaborado pelos autores.

As informações dispostas no Quadro 1 serão apresentadas com mais detalhes nos gráficos construídos nessa seção. As 13 produções encontradas, cujos problemas de pesquisa têm conexões com questões concernentes ao gênero no contexto da Educação Profissional, no período de 2008 a 2019, podem ser observadas no gráfico seguinte:

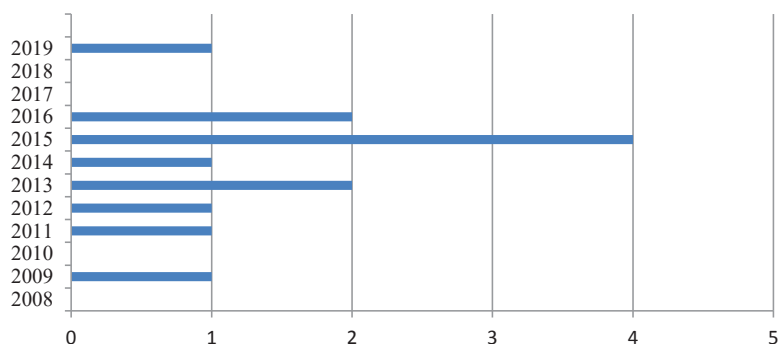
Gráfico 1 - Total de publicações por tipo de trabalho



Fonte: Elaborado pelos autores.

As informações contidas nesse gráfico denunciam a baixa quantidade de produções sobre a temática nos últimos onze anos, configurando-se enquanto uma fração ínfima em comparação com todo o banco de dados abastecido pelo IBICT na BDTD no período escolhido. Já no que concerne ao ano de publicação, 2015 aparece com maior quantitativo, com quatro trabalhos, seguidos por 2016 e 2013 com duas publicações cada. Os anos de 2009, 2011, 2012, 2014 e 2019 aparecem com uma produção cada (Gráfico 2). Destacamos, porém, que nos anos de 2008, 2010, 2017 e 2018 não houve depósitos de trabalhos.

Gráfico 2 - Ano de publicação



Fonte: Elaborado pelos autores.

As palavras-chaves mais utilizadas nas teses e dissertações são correspondentes aos descritores utilizados neste artigo, a saber, “Educação profissional” e “gênero”, como indicamos no quadro abaixo.

Quadro 3 - Palavras-chaves usadas nas produções

Número de citações	Palavras – chaves
Oito vezes	Gênero
Seis vezes	Educação Profissional
Duas vezes	Educação; Trabalho; Políticas públicas; Mulheres.
Uma vez	Saberes; Projeja; Projovem; Experiência escolar; Censo escolar; Internacionalização de políticas públicas; políticas educacionais; Inclusão produtiva de gênero; Relação social de gênero; empoderamento; Identidade de gênero; Docentes na educação profissional; Educação Profissional Agrícola; Mulheres nas áreas científicas; qualificação profissional, masculinidade; feminilidade; psicanálise; subjetividade; subjetivação; Direitos humanos; curso técnico em enfermagem; Teoria crítica da sociedade; juventude; Ensino técnico; Educação e Profissionalização; corpo.

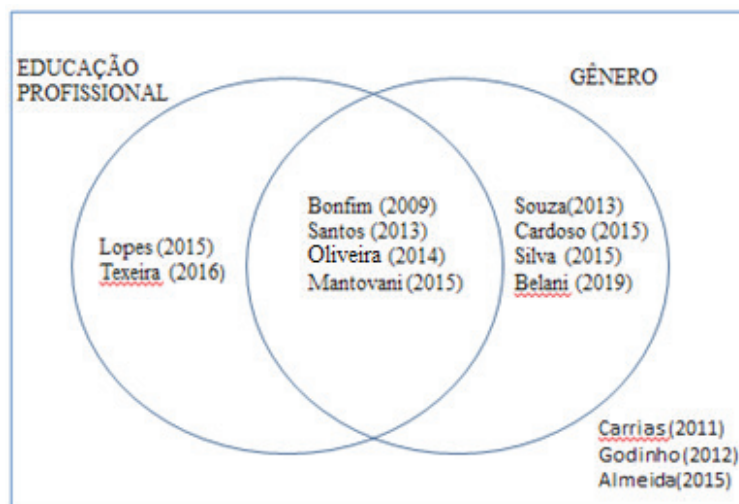
Fonte: Elaborado pelos autores.

Seis dissertações apresentaram a palavra-chave “gênero”, quais sejam, as escritas por Bonfim (2009), Souza (2013), Oliveira (2014), Mantovani (2015), Silva (2015) e Belani (2019). Duas dissertações não inseriram “gênero” nas palavras-chaves, empregando, em seu lugar, termos relacionados ao descritor. Carrias (2011), por exemplo, recorreu à expressão “Identidade de Gênero” e Lopes (2015) utilizou, em vez disso, “Inclusão produtiva de gênero”. No que tange às teses, duas apresentaram a palavra-chave em questão. Foram os casos dos textos de Santos (2013) e Cardoso (2015). Teixeira (2016), por seu turno, lançou mão do termo “Relação social de gênero”.

Já a palavra-chave “Educação Profissional”, absolutamente nevrálgica em nossa discussão, uma vez que delimita não apenas o lócus empírico do desenvolvimento das investigações, mas um domínio epistemológico em construção, apresenta-se em apenas quatro produções de mestrado: Bonfim (2009), Oliveira (2014), Mantovani (2015) e Lopes (2015). Apenas duas teses – as de Santos (2013) e a de Teixeira (2016). Tal constatação indica, de certo modo, um lapso na compreensão dos pesquisadores acerca do pertencimento epistemológico de seus trabalhos.

A figura a seguir faz referência tanto ao quantitativo de dissertações e teses nas quais as duas palavras-chaves apresentam-se concomitantemente (zona de intersecção) quanto às produções nas quais apenas um dos descritores se mostra presente. Segundo apontamos, os autores usaram os dois descritores simultaneamente, quatro empregaram apenas “gênero” e dois somente “Educação profissional”. Ainda ressaltamos três produções que, apesar de versarem sobre os temas, não se valeram de nenhuma palavra-chave considerada na presente discussão.

Figura 2 - Representação da intersecção das palavras-chaves

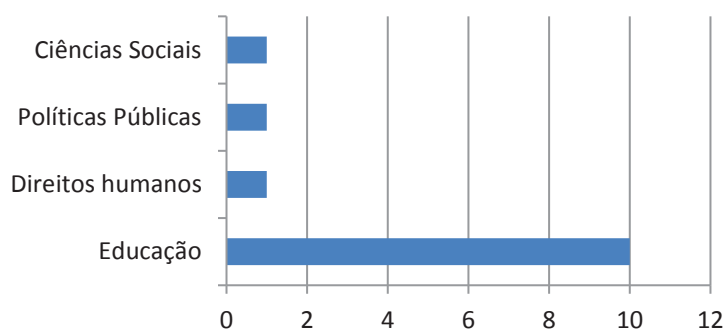


Fonte: Elaborado pelos autores.

Não obstante o fato de alguns autores aplicarem o termo “Educação Profissional” no título de suas produções, estes não fazem a mesma referência nas palavras-chaves, como é o caso de Silva (2015) que, em vez disso, lança mão de “qualificação profissional”. Cardoso (2015) insere a expressão “docentes na educação profissional tecnológica” e Belani (2019), por sua vez, utiliza “Educação profissional agrícola”. Ainda há o caso de Souza (2013), cujo objeto de pesquisa é o Projovem na cidade de Aracaju/SE. Esse autor usa um termo mais generalista, a saber, “Educação”, no lugar de optar pela especificidade conferida pela expressão “Educação Profissional”. No total, nove autores não aplicam concomitantemente os termos “Educação Profissional” e “gênero” em suas palavras-chave.

Três produções não apresentaram nenhuma das palavras-chave, podendo os termos serem encontrados apenas no título e, não raro, apenas por uma certa aproximação temática. Carrias (2011) usou as palavras-chaves “identidade de gênero” e “Educação”, e apesar de o lócus da investigação serem as instituições de educação profissional ofertantes do curso técnico em Enfermagem, não havia referência a “gênero” ou “Educação Profissional”. O doutoramento de Godinho (2012), por sua vez, teve como lócus empírico o Proeja. Apenas o título, contudo, se remete ao termo “educação profissional”, sem menção a “gênero”. Já Almeida (2015) usa “Educação e profissionalização”, e sua alusão a “gênero” se dá no título e no corpo do texto.

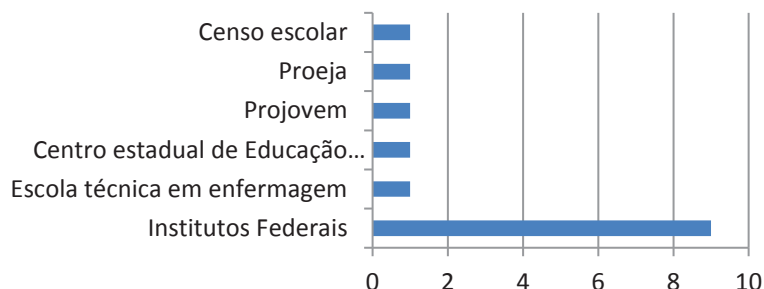
Gráfico 3 - Área do programa de pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores.

No que se refere à área do programa de pesquisa (Gráfico 3), é interessante notar que todas as produções fazem parte das Ciências Humanas e Sociais, indicando uma vinculação dessa área do conhecimento ao tema em questão, ou mesmo, poderíamos inferir, uma preocupação em articular questões de gênero e o campo da Educação Profissional, nem que tal campo seja vislumbrado tão somente como o lócus da pesquisa. Observa-se, outrossim, uma concentração de trabalhos na área de Educação – são dez, no total.

Gráfico 4 - Lócus de pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores.

No tocante ao lócus empírico das dissertações e teses, nove se desenvolveram nos Institutos Federais, fato que se vincula diretamente à escolha do nosso período (2008 a 2019) de pesquisa na BDTD, haja vista que a criação da RFEPCT influenciou

o número de estudos sobre a Educação Profissional e, especialmente, sobre os IFs, em todas as áreas do conhecimento. Entretanto, essa mesma informação nos leva a nos interrogar sobre o motivo de outras instituições ofertantes de EPT – como as Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais, por exemplo – não terem sido estudadas mais de uma vez, como é possível verificar no Gráfico 4. Diante desse desenho inicial, partiremos, logo abaixo, para a sua inserção em um panorama mais amplo.

Para não concluir: desdobramentos epistemológicos

Como resultado, o estado do conhecimento revelou nove dissertações e quatro teses cujos objetos relacionam-se à temática de nosso interesse. Considerando que de 2008 a 2019 foram defendidos 642 trabalhos de pós-graduação *stricto sensu* sobre gênero na Educação no Brasil⁹, o número por nós identificado revela a escassez das pesquisas sobre o assunto no interior da EPT e, portanto, um amplo espaço para desenvolvimento de novas investigações. A maioria das produções foi defendida nos anos de 2015 (quatro), seguidas dos anos de 2013 e 2016, cada uma com duas publicações. Além disso, constatou-se que somente quatro estudos usaram os dois descritores “Educação profissional” e “gênero”, simultaneamente. Em alguns, casos os termos eram citados nos títulos, porém excluídos das palavras-chaves. Verificou-se, ainda, predominância do tema nas Ciências Humanas, com ênfase para área de Educação, e o lócus predominante do campo empírico foram os Institutos Federais.

Numa perspectiva epistemológica, quais são os desdobramentos iniciais desses achados? A aparente negatividade – a escassez de estudos – notada em nossa busca, num primeiro momento, assusta. Por que um campo em crescimento, como a EPT, não desenvolve um número maior de investigações acerca de temas tão urgentes para a vida sujeitos politicamente minoritários, como é o caso das mulheres? Por que há apenas uma citação de “masculinidade” como palavra-chave, se o gênero diz respeito, igualmente, à fabricação do homem? Por que não há nenhuma menção às identidades de gênero dissidentes, como os cidadãos transexuais? Que fatores contribuem para a escassez diagnosticada? Teria o referencial teórico-metodológico adotado pela maioria dos estudos na EPT alguma conexão com essa verificação? Não pretendemos fornecer respostas definitivas a essas inquietações, mas apenas apontar, nessa ocasião, alguns horizontes possíveis.

Se a lição aprendida com o materialismo histórico-dialético “é o reconhecimento de um processo contraditório já em ato”, cabe a nós, pesquisadores, “desenvolver [esse processo] até as suas últimas consequências” (MANACORDA, 2008, p. 26). Isso implica, ao nosso ver, a construção paulatina de um objeto epistêmico, o que não é, de modo algum, uma novidade na história da produção dos saberes. Filósofos da ciência, como Georges Canguilhem e Gaston Bachelard, por exemplo, desvelam algumas possibilidades nessa direção.

Canguilhem (2012, p. 9) estabelece a história das ciências enquanto “história de um objeto [...] que tem uma história, enquanto a ciência é ciência de um objeto [...] que não tem história”. Tal afirmação parte do pressuposto básico segundo o qual a natureza ou a realidade não se nos oferece em formato de fenômenos a serem estudados, mas é a ciência, de posse de seu método, que faz o objeto (CANGUILHEM, 2012, p. 9). Algumas décadas antes, Bachelard já havia se referido à necessidade de, na ciência, “saber formular os problemas”, uma vez que eles “não se formulam de modo espontâneo”, mas, em vez disso, exigem uma pergunta bem elaborada, a partir da qual o conhecimento científico poderá se materializar. Nesse contexto, “nada é evidente. [...] Tudo é construído” (BACHELARD, 1996, p. 18).

Tais contribuições nos levam a crer que, na EPT, nós nos encontramos diante do desafio de construção de um objeto de investigação. Isso exige, certamente, readequação

⁹ Para chegar a esse número, utilizamos os termos “gênero” e “Educação”, usando os filtros “Assunto” em ambos os espaços de pesquisa, recorrendo ao recorte temporal em xequê.

de teorias, métodos, estratégias de coletas de dados, isto é, uma atenção especial às ferramentas da pesquisa, com vistas a fabricar alicerces para o desenvolvimento daquela “epistemologia específica” à qual Japiassu referia-se no início deste texto. Mas, mais que isso, trata-se, na verdade, de realizar uma imersão na *episteme* tal como a compreendia Michel Foucault, isto é, enquanto “conjunto das relações que podem ser descobertas, para uma época dada, entre as ciências, quando estas são analisadas no nível das regularidades discursivas”. O estudo dessa *episteme* interessa-se em abrir “um campo inesgotável”, sem a finalidade de “reconstituir o sistema de postulados a que obedecem todos os conhecimentos de uma época, mas sim percorrer um campo indefinido de relações” (FOUCAULT, 2008, p. 214). Para nós, sem dúvida, tais relações dizem respeito às práticas históricas nas quais o corpo dos trabalhadores está envolvido.

Nessa direção, de um ponto de vista epistemológico, é importante sublinhar que, dos treze estudos encontrados, somente um é de autoria masculina. Tal achado nos faz refletir sobre a motivação das demais autoras, 12 mulheres, em escolher os problemas relativos ao gênero na Educação Profissional como campo de estudo. Ora, o desenvolvimento das abordagens feministas nas Ciências Humanas e Sociais têm nos mostrado, ao longo dos últimos cinquenta anos, ao menos, que os grupos dominados “têm, usualmente, melhores condições de perceber os processos de submetimento” (LOURO, 2011, p. 148). Por outro lado, é à própria maneira de fazer pesquisa que tal percepção nos remete, pois exige dos pesquisadores um outro olhar para algo que sempre esteve lá: o corpo – e, no nosso caso, especialmente o corpo da mulher.

Assim, retomar as teorizações de Marx e Engels sobre a onilateralidade da formação, articulando-os a essa outra *episteme* à qual parece começar a se conectar a Educação Profissional brasileira, podem indicar outros horizontes epistemológicos para essa área do conhecimento. O que está em tela, portanto, é “a busca por uma nova disposição epistemológica e política, *um novo modo de ser pesquisadora/pesquisador*” (LOURO, 2011, p. 150) (grifo da autora), o que implica a crítica constante à pretensão da racionalidades, universalidade e neutralidade científica e de sua suposta objetividade absoluta. Disso se depreende, por fim, que a tarefa epistemológica aqui diagnosticada é aquela de construir, de *fazer* um objeto, o que implica em *fazer gênero* na Educação Profissional, em conexão ao modo que ele é *feito* no mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. *Educação profissional e relações de gênero: razões de escolha e discriminação*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação: história, política e sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- CANGUILHEM, G. O objeto da história das ciências. In: _____. *Estudos de história e de filosofia das ciências: concernentes aos vivos e à vida*. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- BELANI, E. I. *Relações de gênero em um Centro Estadual de Educação profissional: o mesmo espaço, lugares de estranhamento*. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Fronteira do Sul, Chapecó.
- BONFIM, C. M. P. A. *A situação das mulheres na educação profissional de nível médio: uma análise dos dados do censo escolar 2001 a 2006*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. 2018. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51281622. Acesso em 25 out. 2019.

BOLTANSKI, L. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

CARDOSO, V. L. *Inserção de mulheres: um estudo sobre a presença feminina em escolas de educação profissional no Brasil (Belo Horizonte) e em Portugal (Lisboa)*. 2016. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARRIAS, E. V. *Relações de gênero, subjetividade e construção/constituição de identidades: um caso na educação profissional e tecnológica*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília.

CHANTER, T. Epistemologia feminista: ciência, conhecimento, gênero, objetividade. In: _____. *Gênero: conceitos-chave em Filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CIAVATTA, M. A produção do conhecimento sobre a configuração do campo da Educação Profissional e Tecnológica. *Holos (Natal)*, Ano 32, Vol. 6, p. 33-49, 2016.

DEPOILLY, S. *Filles et garçons au lycée pro : rapport à l'école et rapport de genre*. Rennes : PUR, 2014.

DESOUZA FILHO, A. *Tudo é construído! Tudo é revogável! : A teoria construcionista crítica nas ciências humanas*. São Paulo: Cortez, 2017.

EPIHANE, D. Les femmes dans les filières et les métiers « masculin », des paroles et des actes. *Travail, genre et sociétés*, n. 36, p. 161-166, 2016.

FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GODINHO, A. C. F. *A experiência escolar na educação profissional integrada à EJA: relações de saber em sala de aula*. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Vale do rio dos Sinos, São Leopoldo.

GLEYSE, J. Estereótipos e preconceitos de gênero na educação profissional francesa. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 12, n. 19, dez. 2018.

HARAWAY, D. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, n. 22, p. 201-246, 2004.

JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

LIMA NETO, A. A.; CAVALCANTI, N. C. S. B.; GLEYSE, J. (In)visibilidades epistemológicas: considerações sobre corpo, gênero e sexualidade na Educação Profissional. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 12, n. 19, 24, p. 16-38, 2018.

- LUCAS, M. K. P.; SILVA, K. K. O.; MEDEIROS NETA, O. M. A Escola Profissional do Alecrim. *Rev. Bras. de Iniciação Científica (RBIC)*, Itapetininga, v. 6, n.1, 3-12, jan./mar 2018.
- LOPES, M. C. R. *Programa Mulheres Mil no Instituto Federal De Goiás (2011-2013): A Inserção das mulheres no mundo do trabalho sob o olhar de gestoras (Es) e professoras(Es)*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de pós-graduação stricto sensu em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- LOURO, G. L. Uma epistemologia feminista. In: _____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MANACORDA, M. A. Guidda alla lettura. In: _____. *Marx e l'educazione*. Roma: Armando, 2008.
- MANTOVANI, T. R. D A. *A política de formação profissional no Programa Mulheres Mil: uma análise da experiência desenvolvida no Instituto Federal do Paraná*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente.
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MEDEIROS NETA, O. M. A configuração do campo da Educação Profissional no Brasil. *Holos (Natal)*, ano 32, v. 6, p. 50-55, 2016.
- MERLEAU-PONTY, M. O marxismo "ocidental". In: _____. *As aventuras da dialética*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CARVALHO, O. F; LACERDA, G. Dualismo versus congruência: diálogo entre o novo modelo brasileiro para formação profissional e o modelo didático ESC (Experiencial, Científico e Construtivista). In: MOLL, J. (Org.). *Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. ***Educação Por Escrito***, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014.
- NASCIMENTO, F. DE L. S. *A Escola Normal de Natal: Rio Grande do Norte, 1908-1971*. Natal: IFRN, 2018.
- NASCIMENTO, F. DE L. S.; DE MORAIS, M. A. C. Representações da docência feminina no início do século XX. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 12, n. 19, dez. 2018.
- OLIVEIRA, P. F. *Pensar direitos humanos na perspectiva de gênero: limites e possibilidades na educação profissional em Goiás*. 2014. Dissertação (Mestrado em Direitos humanos) – Núcleo interdisciplinar de estudos e pesquisas em direitos humanos, Universidade de Goiás, Goiânia.
- PEREIRA, I. B.; RAMOS, M. N. *Educação Profissional em Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. (Coleção Temas em Saúde)
- RAMOS, M. N. Trabalho e educação: implicações para a produção do conhecimento em Educação Profissional. In: MOURA, D. H. (org.). *Produção de conhecimento, políticas públicas e formação docente em Educação Profissional*. São Paulo: Mercado das Letras, 2013.
- REIS, F.A.R; MARTINEZ, S. A. O ensino profissional feminino no Brasil: uma análise da escola profissional feminina Nilo Peçanha (Campos, Rio de Janeiro, 1922 - 1930). *A Cor das Letras (UEFS)*, v. 13, 27-45, 2012.

- ROCHA, A. F. Educação profissional brasileira e participação feminina: uma análise histórica. *Criar Educação*, Edição Especial, p. 1-12, 2016.
- SAFFIOTI, H.I.B. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SANTOS, E. F. *Gênero, educação profissional e subjetivação*: discursos e sentidos no cotidiano do Instituto Federal de Sergipe. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Núcleo de pós graduação em Educação, Universidade de Sergipe, São Cristóvão.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, n. 20(2), p. 71-99, 1995.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2016.
- SILVA, T. M. *A Educação Profissional e a Política Pública Mulheres Mil: a Implementação no âmbito do IFMA em São Luís*. 2015. Dissertação (Mestrado em Políticas públicas) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, São Luiz.
- SOUZA, S. L. Abordagem de gênero sobre a experiência de alunos integrantes do Projovem urbano na cidade de Aracaju – Sergipe. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- STANCKI, N. *Gênero e Trabalho feminino*: estudo sobre as representações de alunos (as) dos cursos técnicos de Desenho Industrial e Mecânica do CEFET-PR. 2000. 218 f. Dissertação. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paraná.
- TEIXEIRA, L. G. *A Políticas Públicas De Assistência Estudantil no Instituto Federal Goiano - Câmpus Urutaí: Um Olhar De Gênero*. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de pós-graduação stricto sensu em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- THOMAS, J. Diferenças e (des)igualdades: Atitudes de professores/as face à diversidade de gênero nos liceus profissionais “masculinos” na França. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 12, n. 19, dez. 2018.